

O LABOR DISCURSIVO DO ENUNCIADOR DO GÊNERO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O ATO ÉTICO NA ATIVIDADE AUTORAL

Urbano Cavalcante Filho (USP/IFBA)
urbanocavalcante@usp.com.br e urbano@ifba.edu.br

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza.

(Mikhail Bakhtin)

1. Considerações iniciais

A noção de gênero discursivo, retomado das antigas retórica e poética, bem como as análises de gêneros diversos têm sido objeto de reflexão e estudo de inúmeras escolas e vertentes teóricas. Dentre os diversos estudiosos, dos mais diversos campos do saber, que vai desde a nova retórica até a abordagem sistêmico-funcional, da linguística de *corpus* até a reflexão bakhtiniana, passando pelos críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, linguistas computacionais, professores, analistas do discurso, comunicadores, dentre tantos outros, o estudo dos gêneros foi uma constante temática que interessou aos antigos e tem a atravessado, ao longo dos tempos, as preocupações, principalmente, dos estudiosos da linguagem (ROJO, 2008).

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais. Portanto, uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise. Não é possível realizar aqui um levantamento sequer das perspectivas teóricas atuais (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Dessa forma, com essa proposta de investigação⁶⁹, intenciono debater-me sobre o estudo dos gêneros. Dentre a infinidade de gêneros

⁶⁹ Este texto apresenta um recorte das minhas intenções investigativas preliminares constantes do meu projeto de doutoramento em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Essa proposta de investi-

que estão em circulação na sociedade e que produzimos cotidianamente, na medida em que diversas são nossas atividades de linguagem, esta proposta de investigação tem como objeto de estudo o gênero divulgação científica.

Segundo Grillo, “A divulgação científica é uma prática discursiva em expansão na sociedade brasileira. A dificuldade em defini-la, seja como gênero discursivo, seja como discurso segundo – derivado do científico – deve-se em grande parte, à diversidade de esferas nas quais ocorre” (GRILLO, 2006, p. 1).

Partindo do pressuposto de que a divulgação do conhecimento científico é uma das características inerentes às sociedades democráticas, e sem desconsiderar que cada vez mais a democratização do conhecimento científico se faz necessária para que a sociedade saiba dos benefícios e das consequências das pesquisas científicas realizadas, essa esfera de atividade se manifesta como mecanismo possibilitador da divulgação desses conhecimentos entre os cientistas (por meio de publicações especializadas) e para o público geral (através da grande imprensa).

Considerando ainda, com base na metáfora do “fosso” existente entre os saberes científicos e os saberes cotidianos, onde o divulgador assume a função de árbitro e sua tarefa é diplomática, no sentido de estabelecer relações entre o mundo da ciência e o do cidadão comum (BENSAUDE-VICENTE, 2003, *apud* GRILLO, 2009, p. 147), minha intenção nessa investigação que ora se inicia é perceber como o sujeito divulgador da divulgação científica se constitui ética, dialógica e responsivamente na sua discursivização, enquanto estratégia de criar uma representação, um *ethos* científico de si próprio e de sua esfera de atuação.

Essa percepção só será possível analisando o enunciado dos gêneros da divulgação científica, pois acredito, aportado nas reflexões do círculo de Bakhtin que o enunciado concreto é o espaço de encontro entre a

gação visa a dar continuidade e ampliar os resultados obtidos na investigação desenvolvida no Mestrado em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz. Naquela empreitada, objetivei analisar a constituição e o funcionamento discursivo do gênero divulgação científica, observando-se que nessa prática discursiva, não há uma mera reformulação discursiva, como defendem muitos estudiosos, mas, essencialmente, a formulação de um novo discurso. Concluímos, portanto, que o trabalho do divulgador, ao contrário de ser simplesmente adaptação daquilo que foi formulado pelo discurso científico, é, antes de tudo, um verdadeiro trabalho discursivo, resultante de um gesto de interpretação, operado na ordem do deslocamento (CAVALCANTE FILHO, 2011), na constituição de uma nova discursividade.

língua e a realidade histórico-social: “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 2000, 282). Entendo, assim, que o enunciado concreto, lugar de manifestação do discurso, não se reduz a uma simples construção linguística para comunicação entre emissor e receptor; antes, ele representa um evento sócio-histórico situado. Assim, o sujeito enunciativo, além de não fazê-lo a partir do nada, age no âmbito de uma dada esfera de atividade, sob o prisma ético-dialógico.

2. *Por que o ato ético na divulgação científica?*

Voltar o olhar investigativo para as questões da divulgação dos saberes científicos, sua constituição, facetas, manifestações e desdobramentos constitui um trabalho pertinente justamente porque

insere a ciência no conjunto das manifestações culturais de uma sociedade, o que implica a sua incorporação em práticas situadas sócio-historicamente, o seu diálogo com outros produtos culturais, bem como a sua assimilação dialógica crítica entre os valores culturais dos cidadãos. Nesse processo de exteriorização, os conhecimentos científicos e tecnológicos entram em diálogo com os de outras esferas, sobretudo com a ideologia do cotidiano, mas também com as esferas artística, política, jornalística, etc. (GRILLO, 2008, p. 69).

Eis um terreno profícuo para se discutir a dimensão do ato ético de quem produz esse projeto de dizer. Buscar discutir, portanto, sobre o ato ético na prática discursiva de divulgação científica assenta-se na tentativa de trazer ao centro dos estudos da linguagem uma reflexão vinda da tradição eslava de pensamento em defesa de uma ética pautada na responsabilidade.

Fazer, então, essa reflexão buscando as ideias bakhtinianas e de seu círculo, significa pensar no agir concreto dos sujeitos num contexto sócio-histórico situado. Este é, portanto, o cerne do projeto do círculo: destacar essencialmente a individualidade, “entendida em fidelidade às propostas de Marx como a soma das relações sociais da vida do sujeito, e não como uma entidade submissa ao social nem subjetivista e autarquicamente autônoma com relação a ele: tornando-nos “eus” a partir dos outros eus, mas não somos cópias desses outros eus” (SOBRAL, 2009, p. 122).

Além disso, pensando o eu responsável pelo que digo, pensando o sujeito responsável pelo que enuncia para o outro, as instâncias do eu e

do outro no processo de interação verbal apresentam-se como reflexões importantes para o círculo, já que o círculo não vê o sujeito com solipsista,

senhor absoluto do seu próprio enunciado, inenso às influências do mundo, também não há nada parecido com um assujeitamento do sujeito, convertido em mero canal por onde escoam os discursos dos outros, mero porta-voz da palavra alheia. O que há é um sujeito historicamente situado que, imbuído de determinado querer-dizer, constrói seus enunciados a partir da relação com o outro, incorporando (consciente e/ou inconscientemente) a alteridade à arquitetura de seu discurso, ainda que as marcas não se evidenciem na superfície linguística dos enunciados (COSTA, 2009, p. 11).

É sobre esse caráter dialógico que pesam as reflexões bakhtinianas, pois o círculo não encara a questão do dialogismo apenas sob o prisma discursivo. Os aspectos discursivos “são derivados de sua dimensão filosófica como princípio geral do agir – só se age em relação de contraste com relação a outros atos; o vir a ser está fundado na diferença” (SOBRAL, 2009, p. 123).

Insiro tal proposta de estudo na perspectiva da trans(meta)linguística: “Esses elementos são de natureza meta(ou trans)linguística: consequentemente, seu estudo ultrapassa a análise puramente linguística e a abordagem do gênero deve considerar os aspectos dialógicos e extralinguísticos da linguagem” (GRILLO; OLÍMPIO, 2006, p. 5).

Por isso, com essa reflexão, parto do pressuposto que o ser da linguagem é responsável pela enunciação e pelo ato ético que se realizam no mundo da vida. Nesse sentido, a enunciação do sujeito divulgador constitui-se com o seu agir ético/responsável por meio do qual a divulgação científica cumpre a finalidade à qual se destina: promover a aproximação dos saberes científicos do universo de referências do leitor, por meio da incorporação no seu fio enunciativo de operações e estratégias discursivas, como: a interdiscursividade, metadiscursividade, intertextualidade, o uso de esquemas ilustrativos entre outros. Marinho (2003) apresenta, em seu estudo, ainda, as estratégias do uso das aspas, da alusão, das citações, notas de rodapé e referências bibliográficas. Ainda pensando na responsabilidade do agir ético do sujeito enunciadador, pautado na sua intencionalidade de estabelecer a interação entre o universo da ciência e o do leitor, podemos observar, na recontextualização das informações sobre ciência, alguns procedimentos da ordem do linguístico-discursivo específico como a expansão, redução e variação (CATALDI, 2003, 2007, 2009). Acredito e defendo, ainda que no campo da provisoriedade, já que estou em fase germinal da investigação, que a postura e-

nunciativo-discursiva operada pelo sujeito corresponde a um ato responsivo por meio do qual o projeto da esfera da divulgação procura afirmar sua posição criando e legitimando uma (auto)representação de atividade de difusão do conhecimento, com partilha social do saber, assumindo seu caráter informativo e educativo, e também operando técnicas que operacionalizam seu intento sociodiscursivo.

Assinale-se que esses procedimentos não se dão a apreender exclusivamente por traços visíveis na superfície linguística, mas resultam da combinação de elementos verbais e extraverbais na configuração do projeto divulgativo; pois, embora tenha como fonte o discurso científico, a elaboração de sua nova discursividade, através de suas estratégias discursivas, funcionamentos discursivos, formas de realização do projeto enunciativo, de sua arquitetura, sempre relacional, são num só tempo estáveis e instáveis, objetivos e subjetivos, cognitivos e práticos, textuais e discursivos/genéricos, e são de responsabilidade de seu locutor, que responderá eticamente pela sua elaboração, já que é determinado por concepções próprias de produção e difusão. Sem contar que esses recursos variam conforme os parâmetros contextuais, tais como a situação comunicativa, as características de seu interlocutor e, acima de tudo, dos propósitos de quem produz o texto.

3. Dos fios teóricos: o ato ético no projeto enunciativo-discursivo, dialógico e autoral na divulgação científica

Como já afirmei de início, minha investigação toma como referencial teórico basilar as orientações propostas pela teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, por entendermos que os postulados por ele abordados respondem satisfatoriamente às inquietações que motivam tal empreitada investigativa.

Início a reflexão do pressuposto teórico escolhido para esse trabalho salientando a importância da contribuição do círculo ao se pensar “a respeito da natureza da enunciação e dos gêneros do discurso, ou seja, a maneira como as condições de produção condicionam e são condicionadas pelos aspectos enunciativos” (GRILLO, 2003, p. 1), pois, para a reflexão bakhtiniana, a classificação das formas de enunciação apoiam-se na classificação das formas de comunicação verbal, que são determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1992).

Em seus escritos, Mikhail Bakhtin (2003a) focaliza sua reflexão no caráter social dos fatos de linguagem. Nessa perspectiva, observa-se que Bakhtin pretere a oração como unidade de análise de comunicação verbal, visto que o ato comunicacional, enquanto atividade social, é marcado pelo diálogo, pela possibilidade de interação. Dessa forma, o enunciado é encarado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística. Com isso, é perceptível, em suas abordagens, a presença de um componente social, já que o enunciado de um falante é precedido e sucedido pelo de outro. Essa é uma posição defendida por Bakhtin (2000), ao tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. Com essa noção, Bakhtin ratifica a concepção de encarar a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, definindo um enunciado como uma verdadeira unidade de comunicação verbal.

Em seu ensaio de 1979, publicado originalmente em russo, Bakhtin aponta os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”⁷⁰ e que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Dessa forma, o teórico estende os limites da competência linguística dos sujeitos para além da frase na direção dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” e do que ele chama “a sintaxe das grandes massas verbais”, isto é, os *gêneros discursivos*, com os quais temos contato e nos quais vivemos imersos desde o início de nossas atividades de linguagem.

Então, amparados na concepção bakhtiniana, os gêneros discursivos não devem ser concebidos apenas como fôrma, e que, portanto, possam ser distinguidos pelas suas propriedades formais (embora os gêneros mais estabilizados possam ser “reconhecidos” pela sua dimensão linguístico-textual), pois não é a forma em si que “cria” e define o gênero:

⁷⁰ Não devemos entender com essa noção do gênero como um tipo de enunciado que Bakhtin esteja se referindo a noção de tipo como de sequências textuais, mas devemos entendê-lo como uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituem historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.

Os formalistas geralmente definem gênero como um certo conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida. Como os dispositivos básicos já tinham sido previamente definidos, o gênero foi mecanicamente compreendido como sendo composto desses dispositivos. Dessa forma, os formalistas não apreenderam o significado real do gênero (MEDVEDEV, 1928, *apud* FARACO, 2003, p. 115).

Com isso, confirmamos que o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais.

Outro conceito importante ao se falar de gênero é a noção de esfera, por constituir uma alternativa ao pensar as especificidades das produções ideológicas. “A noção de esfera remete sempre a uma realidade social plural, isto é, à diversidade de manifestações da atividade discursiva humana e de seus modos de organização em uma dada formação social.” (GRILLO, 2006, p. 3). Esse conceito de esfera foi, por sugestão da autora, associado à categoria de *campo*, já que

os campos dão conta da realidade plural da atividade humana, ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros (GRILLO, 2006, p. 2).

É nesse contexto que identificamos o gênero em termos de atividade autoral, que, por um lado responde ao projeto do coletivo (no âmbito do gênero) e ao projeto individual (referindo-se aos recursos e dispositivos dos gêneros). Por isso que o gênero não pode ser pensado fora da esfera, já que é esta que procede o recorte sócio-histórico-ideológico do mundo; nas palavras de Sobral, “uma espécie de ‘instituição’, de modalidade relativamente estável de relacionamento cristalizado entre os seres humanos, por definição de cunho sócio-histórico” (SOBRAL, 2009, p. 8). Assim, ratificamos o entendimento dos gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados que refletem e refratam as determinações das esferas da comunicação discursiva.

Os gêneros, juntamente com seus enunciados, constituem a concretização do projeto de dizer de seus autores. Grillo nos lembra de que Bakhtin, em *O problema do texto em linguística, em filologia e em outras ciências humanas* (BAKHTIN, 2003b) discorre, em diversas passagens, sobre o autor como equivalente a sujeito falante/escrevente do enunciado, tomado como princípio representador que se constitui em uma relação tríade, dialogando com os autores dos enunciados anteriores e com os autores dos enunciados-resposta presumidos.

Considerando, portanto, a autoria do sujeito falante/escrevente, na divulgação científica há uma especificidade relacionada aos enunciados-fonte das reportagens. O leitor está diante de um texto que, embora tomando-o como um todo, resulta de entrevistas, consultas a *sites*, leitura de obras científicas etc., cujas vozes são apagadas em benefício da voz do sujeito locutor/autor do texto. Entendemos, assim, o quanto é complexa a responsabilidade de o divulgador, em sua atividade autoral, realizar seu ato sócio-histórico concreto, na criação de uma totalidade de sentido maior do que a junção dos elementos que resultam em sua construção.

Dessa forma, a atividade do divulgador é vista nessa pesquisa como elemento crucial no projeto enunciativo dos textos de divulgação científica. Trata-se de uma atividade em que o sujeito só se constitui a partir do “outro”:

... um sujeito [...] sendo um *eu-para-si*, condição de formação da identidade subjetiva, é também um *eu-para-o-outro*, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo que lhe dá sentido: só me torno eu entre outros eus. [...] trata-se do inacabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas: os seres só se completam na relação com outros seres, porque nenhum ser pode ver em si mesmo todos os aspectos que o constituem, cabendo essa tarefa aos outros (SOBRAL, 2009, p. 123).

Pensar o sujeito, portanto, é pensar sua ação, que é realizada dentro do princípio dialógico num contexto sócio-histórico dado. São decisões tomadas em sua vida concreta, o que caba por legitimá-lo como um agente responsável por seus atos e responsivo ao outro, que, com seu excedente de visão, sente-se habilitado para estabelecer relação que vai do intradialógico ao interdialógico, num processo permanente e contínuo de constituição e conhecimento de si e do outro, já que o sujeito é um ser *em sendo*, o ser como essência não existe.

Portanto, o sujeito, encarado como agente que toma decisões em sua vida concreta, o faz no contexto da ação, envolvendo os elementos sócio-históricos que formam o contexto mais amplo e sempre interativo, bem como o princípio dialógico, em referência à interação, interdiscursividade constante do seu ato enunciativo.

Tomar o estudo da enunciação da divulgação científica sob o terreno do dialogismo significa dizer, conforme Grillo e Olímpio (2006), que ele é condição do sentido que se produz por meio da compreensão responsiva dos interlocutores, isto é, não há sentido fora da intersubjetividade e das relações dialógicas: “Um sentido atual não pertence a um (só) sentido, mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se

contataram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele” (BAKHTIN, 2003a, p. 382).

As relações dialógicas, enquanto objeto da translíngua, se manifestam entre os enunciados e no seu interior. Em resumo, todos os aspectos constitutivos do enunciado são de natureza dialógica (GRILLO, 2006, p. 5). Por isso advogamos, respaldados nas reflexões do círculo, que as esferas de comunicação discursiva e os gêneros do discurso é que determinam as relações dialógicas. O conceito de relações dialógicas apresenta-se como elemento nuclear na reflexão do projeto bakhtiniano. Para Costa (2010), as relações dialógicas estão para o discurso assim como as relações lógicas concreto-semânticas estão para a língua, e enquanto estas representariam o objeto da lingüística, aquelas constituiriam o objeto dessa nova disciplina, a metalingüística, dedicada ao estudo da lingüagem na sua dimensão discursiva (COSTA, 2010, p. 819-820).

O sujeito ao enunciar (e ao enunciar ao outro) trava “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos. Afinal de contas, reagimos ao que foi dito/feito ou “antecipamos” o que poderá vir a ser dito/feito. Na produção enunciativa, o sujeito age/diz a partir de escolhas, sendo o responsável pelo que fez/disse/faz/diz e como fez/disse/faz /diz.

Ao tratar da enunciação do projeto de dizer dos textos de divulgação científica, buscaremos o estudo das relações discursivas em virtude dos traços que a definem e a caracterizam, sistematizados por Grillo (2006a), a saber: 1) as relações dialógicas são de natureza semântica; 2) as relações dialógicas ocorrem entre enunciados concretos: “É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser enunciados integrais” (BAKHTIN, 2003b, p. 330); 3) por trás dos textos enunciados estão sujeitos concretos, integrais, responsivos, inconclusos, inacabados, os quais só podem ser compreendidos por meio do diálogo e não explicados como na relação pessoa e objeto. As relações dialógicas são, portanto, relações pessoais, isto é, “vínculos semânticos personificados”; 4) as relações dialógicas do enunciado pressupõem ainda um superdestinatário entendido como “instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos” (BAKHTIN, 2000, p. 333). Essa instância garante que todo enunciado busca uma resposta que ultrapassa o destinatário imediato e previsto; e 5) a produção/recepção do enunciado tem uma dimensão valorativa (e aqui acrescentamos também a dimensão ética).

É nessa conjectura dialógica que o sujeito age ético-responsivamente no processo interacional, já que o ato ético é realizado pelos sujeitos concretos, em suas relações sociais intersubjetivas. É por meio do ato ético que o sujeito reconhece e é reconhecido.

Sobral (2008, p. 224), ao tentar entender a filosofia bakhtiniana do ato ético, afirma que ela se refere à “responsividade ética aos outros sujeitos. Para Bakhtin, ‘não há álibi na existência’, e os atos do sujeito, sejam ou não voluntários, são responsabilidade sua, ou melhor, ‘responsabilidade’ sua, isto é, responsabilidade pelo ato e responsividade aos outros sujeitos no âmbito das práticas em que são praticados os atos”.

É com base ainda na reflexão proposta por Sobral (2005) que afirmamos que o agir do sujeito refere-se aos planos ético e estético. O primeiro trata-se do agir no mundo, ligado de modo direto com a realidade; já o segundo diz respeito à reflexão elaborada, ao acabamento. O autor ainda reflete a questão mostrando que a experiência de cada sujeito é mediada pelo agir em determinado contexto, acompanhado de avaliação. Afinal de contas, a entonação avaliativa, bem como a responsividade ativa constituem ingredientes necessários ao ato no processo enunciativo em geral, e no da divulgação científica, em particular.

4. Considerações finais

Nessa proposta de pesquisa, meu foco constitui destacar o ato do sujeito divulgador como único, mesmo que este compartilhe com todos os outros atos numa dada estrutura. É minha intenção destacar, ainda, o papel do sujeito como agente responsável por seus próprios atos, não podendo, dessa forma, “apresentar um álibi” que o isente da responsabilidade perante si e o outro. O que diz ou o que faz, seja voluntariamente ou não, são responsabilidade sua. Nesse sentido, a linguagem é responsável pela enunciação dos atos éticos.

É o entendimento dessa dimensão do ato ético que pretendemos entender e analisar as operações que o sujeito realiza para produzir o ato: a realização enunciativa, dialógica, responsiva, nos textos de divulgação científica.

Assim, destaco o ato do sujeito divulgador como único, mesmo que este compartilhe com todos os outros atos numa dada estrutura. Vislumbro, ainda, o papel do sujeito como agente responsável por seus próprios atos, não podendo, dessa forma, “apresentar um álibi” que o isente

da responsabilidade perante si e o outro. O que diz ou o que faz, seja voluntariamente ou não, são responsabilidade sua. Nesse sentido, a linguagem é responsável pela enunciação dos atos éticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p. 307-336.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad.: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e Jorge, 2005.

CATALDI, C. *Los transgênicos em la prensa española: uma proposta de análise discursivo*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003, 409 p. (Tese de Doutorado)

_____. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa: Edufv, 2007, p. 155-164.

_____. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade*. Viçosa: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009, p. 43-63.

CAVALCANTE FILHO, U. *A constituição e o funcionamento discursivo do gênero divulgação científica*. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações). Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus/BA, 2011.

COSTA, L. R. *Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC: análise de editoriais da revista Ciência Hoje na década de 1980*. Dissertação

(Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

_____. Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC: análise de editoriais da revista *Ciência Hoje. Estudos Linguísticos*, n. 39, v. 3, São Paulo, 2010, p. 818-831.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

GRILLO, S. V. de C. A estreita convivência entre notícia e anúncios na página dos jornais. *INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*, v. XXVI, n. 1, São Paulo: USP/ECA, 2003, p. 47-64.

_____. Divulgação científica na esfera midiática. *Revista Intercâmbio*, vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

_____; OLIMPIO, A. M. Gêneros do discurso e ensino. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 8, p. 379-390, 2006.

_____. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. *Horizontes*. V. 24, n. 2. Bragança Paulista, 2006a, p. 121-128.

_____. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo 52 (1): p. 57-79, 2008.

_____. Scientific American Brasil: esquemas ilustrativos e divulgação da ciência. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 145-155. 2009.

MARINHO, M. *O discurso da ciência e da divulgação em orientações curriculares de língua portuguesa*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a10.pdf>>. Acesso em: 15-02-2012.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, R. Gêneros do discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. O ato ‘responsível’, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. *Signum: Estudos da Linguagem*. Londrina, n. 11/1, 2008, p. 219-235.

_____. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *BIOETHIKOS*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 3(1), p. 121-126, 2009.

_____. *Elementos para a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de autoajuda*, 324 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – LAEL/PUC-SP, 2009.